

2 C O N T O S
F A N T Á S T I C O S

Ricardo Manzanaro Arana

FREE BOOKS



RICARDO MANZANARO ARANA

2 CONTOS
FANTÁSTICOS

TRADUÇÃO: PAULO SORIANO

FREE BOOKS EDITORA VIRTUAL – NOSSOS AUTORES

TERROR-HORROR-FANTASIA

Título: 2 CONTOS FANTÁSTICOS

Autor: Ricardo Manzanaro Arana

País de origem: País Basco/Espanha

Tradutor: Paulo Soriano

Imagem da capa: Harry Clarke (1889 – 1931)

Leiaute da capa: Canva

Série: Nossos Autores – vol. 4

Editor: Free Books Editora Virtual

Site: www.freebookseditora.com

Direitos: © Ricardo Manzanaro Arana. Todos os direitos reservados.

Proibida a reprodução sem autorização prévia e expressa do autor

Ano: 2017

Sites recomendados:

www.triumviratus.net, www.contosdeterror.com.br

Sumário

INVOCAÇÃO.....	5
O DIFÍCIL PROCESSO DO ESQUECIMENTO.....	8
SOBRE O AUTOR.....	10

INVOCAÇÃO

A médium pôs-se a recitar a ladainha indicada ao objetivo da sessão. Invocava-se um espectro mítico da região. Rezava a lenda que, há quase três séculos, um médico endinheirado organizava cerimônias satânicas e orgias nas quais sodomizavam crianças e animais. Os habitantes do lugar, fartos daqueles degenerados, invadiram a mansão do médico. Espancaram e lincharam todos os membros do grupo, com um mimo todo especial devotado ao seu líder. Desde então, eram comuns os rumores e lendas que relatavam supostas aparições do médico, horripelantemente mutilado, perguntando sobre as moradas de seus agressores e clamando por vingança.

A médium continuava a sua cantilena, estimulando o fantasma a se apresentar diante deles. Todos os presentes exibiam o mesmo semblante de concentração, à exceção de um deles, que lançava olhadelas dissimuladas aos demais, com cara de ceticismo e de estar pensando: “estes tios estão pirados”.

E foi precisamente esta pessoa a primeira a notar que as línguas de fogo surgiam no centro da sala, expandindo-se e depois encorpando-se até atingir forma e dimensões humanas. Com tal cadência, a nuvem se foi definindo, chegando a conformar um indivíduo identificável. Bem, se podemos mesmo chamar aquilo de “indivíduo”. Tendo por base o esqueleto, por sobre ele combinavam-se punhados putrefeitos de carne, restos ensanguentados de roupa e vísceras esmigalhadas, das quais gotejavam variados fluidos. A cabeça era uma colagem de ossos, miolos, órbitas, epitélios, gorduras e sangue coagulado.

O camarada que antes olhava desconfiado, o único do grupo que usava terno e gravata, agora observava com interesse, mas sem expressar pânico excessivo, ou medo no rosto.

O monstro anunciou com voz potente e profunda quem era, e contou brevemente a sua história. Em seguida, perguntou o que queriam dele, e a médium respondeu:

— O senhor à minha direita — era ele o indivíduo de terno — pede-lhe um favor.

— Claro — respondeu o espectro, erguendo as mãos, das quais se desprenderam alguns grumos de carne e sangue. — Posso aterrorizar o amante de sua mulher ou perseguir o empregado que surrupia o seu dinheiro. Com as minhas aparições, sou capaz de conseguir a ruína do negócio que lhe faz concorrência, ou pôr a correr esses salafrários que competem com você. Posso até mesmo — o fantasma esboçou algo parecido com um sorriso — matar de susto o velho patriarca de sua família, falecimento após o qual você herdará uma fortuna. Qual desses serviços você quer que eu lhe preste? — Ato contínuo, o fantasma se inclinou, fazendo uma mesura.

— Sim, vejamos — começou a falar o “cliente”. — Mas acho que o meu caso é substancialmente diferente daqueles que você está a conjecturar. Na verdade, não vim aqui para lhe pedir um favor de sua parte. A minha intenção é lhe apresentar... digamos, uma oferta de trabalho. Vejamos... bem... você sabe o que é um parque temático?

*

— Mas... Espere aí... A Casa do Terror está fechada?

— Sim, está. Você não sabia disto?

— Não, de jeito nenhum... Mas, como é que pode? A Casa do Terror atraía tanta gente...

— Em todos os fins de semana, estava cheia de visitantes. Vinha muita gente de fora somente para entrar ali.

— É que era mesmo fora de série. Os fantasmas, os monstros, os zumbis eram mesmo muito bem-feitos. Na verdade, você se cagava de medo.

— Jode, eu estive lá várias vezes e em todas elas morri de susto ao vê-los...

— E então, por que o parque fechou? Devia arrecadar pilhas de dinheiro.

— Mas não foi por falência ou dificuldades econômicas. Fechou por determinação judicial.

— E por quê?...

— Segundo me contaram, fizeram uma inspeção fiscal rotineira e, embora tudo estivesse aparentemente bem, os agentes suspeitaram de algo estranho. Conseguiram uma autorização judicial e requisitaram os registros contábeis e os computadores. E sabe o que descobriram? Que eles não gastaram um euro sequer com despesas de pessoal. Nada. Absolutamente nada.

— Como é que é?

— Sim, em todos os balanços privados que tinham, a rubrica de gasto de pessoal sempre registrava zero euro.

— Então, o que estava acontecendo? Eles utilizavam imigrantes ilegais?

— É o que se supõe. Mas, até que confirme isto, o fisco continua a intervir nas contas e a manter parque fechado. Dá para imaginar? Zero euro com gasto de pessoal! Há, há, há! Nem mesmo se tivessem contratado fantasmas de verdade!

O DIFÍCIL PROCESSO DO ESQUECIMENTO

Em um par de minutos, a senhora que assistia a parturiente examinou o recém-nascido, revisando-o em todos os seus aspectos básicos, como a hidratação, a mobilidade, os reflexos etc..., comprovando, assim, que a memória implantada não havia sofrido avarias durante o parto. Pouco depois, o bebê já notava as primeiras carícias da mãe.

Nas semanas seguintes, a mãe do menino visitou várias vezes o pediatra. Este realizou um check-up do adequado funcionamento da memória, comprovando que mantinha o conteúdo íntegro: 100 maxibites. O médico explicou o funcionamento básico da unidade, além dos procedimentos para perder-se paulatinamente a memória.

Durante os primeiros anos, os pais incumbiram-se de que a criança começasse a esquecer. Por exemplo, foram apagando da memória os idiomas de que ela jamais iria necessitar – como os das tribos bantas e os dos esquimós –, ocupando um espaço inútil que tornava lento o desenvolvimento das funções cognitivas.

Quando ingressou na escola, foi aprendendo o laborioso método de esquecer. Pouco a pouco, gigabyte a gigabyte, foram-lhe ensinando a apagar conteúdos. A criança era aplicada, graças ao que foi adquirindo destreza no esquecimento, a exemplo das técnicas agrícolas da batata ou do folclore da Birmânia.

Ao chegar ao ginásial, o já adolescente decidiu que queria ser médico; orientou, portanto, o seu esquecimento a matérias como a Filosofia, a Arte ou a Literatura, deixando, apenas, aquelas estabelecidas em lei como de “cultura geral”. O jovem comprovou que o esforço não era vão, eis que ia conseguindo, cada vez mais, com maior facilidade, esquecer os conteúdos de sua mente, obtendo, destarte, excelentes classificações em seus estudos.

Depois chegou à universidade, na qual, com determinação e confiança, conseguiu bacharelar-se com louvor e distinção, graças à adequada supressão de conteúdos inúteis à sua profissão. E, já medicando, não cedeu em seu esforço em esquecer, obtendo a máxima eficiência laboral.

Décadas depois, aposentou-se. Nos anos seguintes, jamais abandonou o exercício intelectual, procurando todos os dias apagar algo de sua memória.

Morreu feliz, tendo esquecido quase tudo.

SOBRE O AUTOR

Ricardo Manzarano Arana, natural de San Sebastián, Província de Gipuzkoa, País Basco (Espanha) é médico e escritor. Mantém um *blog* de [notícias sobre ficção científica](#) e já publicou várias obras, algumas impressas e outras em meio eletrônico.